

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA -
AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

9,5

ÉTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

TÂNIA MARIA VIEIRA

ORIENTADOR: ILSO FERNANDES DO CARMO.

**ASSOCIAÇÃO JUIENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA -
AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

ÉTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

TÂNIA MARIA VIEIRA

ORIENTADOR: ILSO FERNANDES DO CARMO.

*“Trabalho apresentado como exigência
parcial para a obtenção do título de
Especialização em Psicopedagogia”.*

**ASSOCIAÇÃO JUIENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA -
AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR

Dedico este trabalho a Deus sem Ele nada seria possível em especial aos meus pais por estarem sempre me apoiando e dando forças para continuar a caminhada. E por todos que de alguma forma lutam para a construção de uma educação de qualidade.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pelo dom da vida.

Também agradeço a meus familiares e a todos que compartilharam comigo nesta caminhada em busca do meu ideal, e principalmente a minhas amigas Joeli, Rosangela e meu namorado que sempre me incentivaram.

RESUMO

O presente trabalho visa a precisar a noção de Sujeito Ético; um ser capaz de agir responsavelmente na realidade, transformando-a e construindo-a, favorecendo, dessa forma, o equilíbrio entre os humanos. Igualmente sugere condições para eclosão desse sujeito no âmbito da Pré-Escola. Fundamentado filosoficamente, conceitos como: Ética, moral, família, Sociedade, Educação. Democracia, os quais dão sustentação a todo corpo do trabalho. Tenta-se ainda provar que qualquer que seja o problema ou situação a serem experienciados, a solução sempre dependerá de uma decisão humana e nela está depositada toda a nossa esperança. Tal decisão, entretanto, só poderá tornar-se possível, através da construção de sujeitos éticos desde a base Educacional Infantil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 - CONCEITO DE ÉTICA E MORAL.....	09
1. 2 - O VALOR DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO.....	10
2 - PAPEL DA ESCOLA.....	14
2.1 A IMPORTANCIA DOS VALORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	16
2.2 - A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO MORAL E A ÉTICA NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO.....	17
3 - A RELAÇÃO PROFESSOR / ALUNO.....	19
3 1 - INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE E SOCIALIZAÇÃO NA ESCOLA.....	20
3 .2 - CRISE DE VALORES.....	22
CONCLUSÃO.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

INTRODUÇÃO

Para viver democraticamente em uma sociedade plural é preciso respeitar os diferentes grupos e culturas que a constituem. Sabe-se que as regiões brasileiras têm características culturais bastante diversas e a convivência entre grupos diferenciados nos planos sociais e culturais muitas vezes é marcada pelo preconceito e pela discriminação. Acreditamos que o grande desafio da escola, enquanto instituição socializadora, é investir na superação da discriminação e promover o conhecimento da riqueza representada pela diversidade cultural e moral que compõe o patrimônio sociocultural de qualquer sociedade. Nesse sentido, a escola deve ser local de diálogo, de aprender a conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando os valores e as diferentes formas de expressão moral.

Falar sobre influência moral é como “mergulhar” num estudo aprofundado da vida de cada ser humano tendo em vista a influência que a moral e a ética na sociedade têm na sua personalidade e seus valores no seu modo de viver.

A influência na educação moral deve ter como meta à formação da criança enquanto ser humano criativo, dotado de inteligência, proporcionando que o mesmo possa expressar-se e intensificar o relacionamento com outro indivíduo.

Educar não é somente enviar informações ao cérebro, educar implica a construção de um objetivo no interior do sujeito. Percebendo-se então a necessidade em pesquisar e conhecer mais sobre a ética e a moral, esta pesquisa

fundamentou-se em leitura exaustiva e reflexão acerca do tema proposto, mediante sistematização de novas leituras, foram consultadas diversas áreas sobre o assunto, psicologia, sociologia, pedagogia e outras, não havendo limite para o estudo, buscando alternativa para sanar, pelo menos parcialmente o grave problema da moral e da ética, que impossibilita o desenvolvimento cognitivo e o exercício pleno da cidadania só atingida quando existe o respeito recíproco entre os indivíduos de uma coletividade.

A estrutura da pesquisa ficou dividida em partes, sendo que na primeira parte a ênfase será ao conceito de ética e moral, conforme grandes teóricos, na segunda parte, tratam-se do papel da escola e a importância dos valores na educação infantil para formação do cidadão, passando-se então na terceira parte a relação professor/aluno, influência da afetividade e socialização na escola onde se tratam da crise dos valores, auxiliá-lo a compreender o mundo no qual está inserido.

1 - CONCEITO DE ÉTICA E MORAL

Segundo o dicionário Abbagnano, entre outras considerações nos diz que a ética é "em geral, a ciência da conduta" (ABBAGNANO, 1995, p.360) e Sanchez VASQUEZ (1995, p.12) amplia a definição afirmando que "a ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade". Ou seja, é ciência de uma forma específica de comportamento humano

A Ética é mais do que isso: ela é o nome de uma parte da Filosofia que investiga profundamente sobre o fato de toda e qualquer sociedade humana terem regras de conduta, sobre o fato de estas regras variarem de um grupo social para outro e de época para época num mesmo grupo social. Ela investiga também, para saber se regras de conduta (moral) são mesmo algo necessário e por que.

Podemos chamar de ética ao esforço que todos podemos e devemos fazer para compreender as regras morais que temos, se são suficientes ou não, se são adequadas ou não e, se não o são, que outras regras precisamos ter.

Este é um problema complexo. Mas todo educador precisa enfrentá-lo para que possa estar preparado para um trabalho reflexivo e investigativo com seus educando.

Dizemos frequentemente que estamos numa crise de valores. Parece que, com isso, queremos dizer que estamos numa crise de referências, de ideais reguladores de nossas ações, numa crise de princípios. Mas o que entendemos por valor ou valores?

Valor seria toda relação de importância, de preferência, ou de não-indiferença que se estabelece entre o ser humano e objetos, fatos, situações, lugares, atitudes, comportamentos.

Tal relação se estabelece quando avaliamos algo como importante ou detestável, preferível ou não, ou como não indiferente.

Aqui nos interessa pensar e refletir sobre nossas valorações a respeito de atitudes por ser este o campo da moral e da ética.

Pensemos quando dizemos a uma criança que sua atitude é feia ou bonita, boa ou má, certa ou errada, correta ou incorreta. Nestes casos estamos valorando, como boa ou ruim, a atitude em questão.

Mas por que boa ou ruim? Com base em que critérios, princípios, referências? Ou com base em que regra de conduta?

Em várias passagens, aponta para princípios, critérios, referências e valores que normalmente são aceitos por todos nós como guias para o estabelecimento de regras de conduta em nossa sociedade.

Destacam-se os princípios: solidariedade, cooperação, respeito mútuo, respeito às regras de convívio e a recusa a todo tipo de preconceito.

Podemos dizer que há dois tipos de Educação Moral: A Educação Moral que comunica as regras de conduta exige e vigia para que sejam cumpridas. Neste tipo de educação moral não são discutidos (dialogados) os motivos ou as razões das regras de conduta.

A Educação Moral que comunica as regras de conduta, mas que, ao mesmo tempo, dialoga a respeito das razões, dos critérios, das referências e dos princípios a partir dos quais as regras foram assumidas como boas para aquela sociedade.

1. 2 - O VALOR DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO

“Todos têm a obrigação de educar, cada segmento social tem seu papel, a escola, o governo, a família, mas é na família... Através daqueles que nos educam e que inicialmente nos servirão de modelo, que irão se formar nossos princípios morais e éticos”. (PINTO, 2003, p. 3)

Outro dia eu estava caminhando em direção ao trabalho observando sempre as mesmas coisas, muita gente caminhando pelas ruas, outras andando às pressas com destino ao trabalho, alguns tristes, outros alegres, alguns chegando da bebedeira, outros jogados ao relento pela desigualdade sócio-econômica. Devo dizer que fiquei preocupado com a quantidade de pessoas e comecei a refletir sobre o que cada um poderia estar pensando, a história de cada indivíduo e suas angústias.

Mas dentre essas tantas coisas, uma me chamou muita atenção. Uma mãe com seu filho, que provavelmente tinha uns seis anos, caminhando a passos ágeis, pareciam estar atrasados para algo, seja para o trabalho da mãe, seja para a escola do garoto, mas o que chamou mesmo atenção foi o diálogo entre os dois:

O menino todo angelical, com aquela voz que enche nossos ouvidos de emoção e alegria, vira-se para sua mãe e deixa ecoar de sua boca, uma palavrinha apenas:

- “Mãe!”

E a mãe docemente e com a delicadeza que só uma mãe tem, responde:

- “Oi, meu filho!”.

E o diálogo prosseguiu. Infelizmente não tive tempo de continuar ouvindo o diálogo poético entre mãe e filho, mas só isto bastou para o meu dia tornar-se ainda mais reflexivo, sobre o poder do vocativo “Mãe!”, no sentido sentimental que gira em torno deste sintagma. Mais ainda fez-me refletir sobre a verdadeira influência da família na reconstrução da sociedade.

Parecia até um conto de fadas, Eu ouvindo aquilo!

Quem diria que um mundo cheio de violência, brigas, guerras, desencontros e de busca excessiva e ambiciosa pelo poder poderia ser abafado por essas simples frases. De repente, num lapso de felicidade momentânea me teletransportei para um mundo mais humano, onde as pessoas só estão preocupadas pelo que as outras são e não com o que têm.

Na doce palavra de um garoto está a esperança de que podemos ser melhores, a cada dia, a cada momento. Estamos sempre procurando felicidade nos

outros não nos importando sobre quem somos o que somos e buscando resposta para a pergunta que não cala: para quê estamos neste mundo? Somos felizes baseados no que os outros pensam de nós, independente da nossa individualidade, do que somos realmente e independente da nossa felicidade.

Deixai vir a mim os pequeninos! Agora sabemos por que algumas pessoas têm vontade de nunca crescerem, de serem sempre crianças e terem a humildade e sensibilidade das mesmas.

Escolarizando esta situação, é inegável que precisamos urgente de educadores que trabalhem a questão humana da educação com nossos “pequeninos”, precisamos deixar de lado a mercantilização da educação conteudista e partirmos do pressuposto de que estamos trabalhando com seres humanos que são verdadeiras obras divinas e de inspiração invejável. Moldamos esses seres como quem molda um jarro-de-barro, como quem faz surgir de um simples pedaço de madeira uma escultura bela e minuciosa. Tudo isso conforme nós queremos da nossa forma, do nosso jeito...

A família, a escola e todos os segmentos sociais estão educando as crianças e jovens para operar computadores complexos, máquinas de última geração, mas crianças que não sabem criticar suas próprias idéias, repensar sua história e discutir seus problemas. Os seres humanos estão destruindo sua capacidade de se interiorizar, como diz Augusto Cury (2004, p. 116).

“Se o mundo nos abandona, a solidão é suportável; se nós mesmos nos abandonamos, é insuportável”.

“Adquirimos diplomas para atuar no mundo de fora, mas somos frágeis para liderar o mundo psíquico. Temos tendência em ser gigante no mundo profissional, mas meninos no território das emoções e dos pensamentos”. (CURY, 2004, P. 77).

Nosso mundo precisa de pessoas mais tolerantes. Nesse sentido, Freire (1993) revela que:

A tolerância é a virtude que nos ensina a conviver com o diferente. A aprender com o diferente, a respeitar o diferente... O ato de tolerar implica o clima de estabelecimento de limites, de princípios a serem respeitados. (FREIRE, 1993, p. 59)

E quando falamos em limites, não estamos dizendo precisamente de imposição de limites, mas sim de limites auto-reflexivos, onde pais, educadores e

sociedade incitam nas crianças o ato de refletir a relação do que se pode e do que não se pode das conseqüências de nossas escolhas. No mundo onde há uma confusão entre estabelecimento de limites e agressão moral, onde educar o filho resume-se a dar-lhe o que é preciso, ou às vezes, desnecessário, onde as crianças estão em depressão por terem tudo o que querem, no mundo onde o ter vale mais do que o ser, ainda tem pessoas que acreditam que limite é imprescindível para a educação humana de nossas crianças.

Os pais podem e devem! – não admitir certos comportamentos dos filhos, desde muito pequenos. Podem e devem repreender impor condições, mesmo que isso signifique certo nível de sofrimento para os filhos. Educar dá trabalho, e nem sempre é tudo um mar de rosas. O importante é repreender, impor, etc., com justiça, com firmeza e com intenção genuína de acertar.

Quando ouvimos na boca de uma singela criança a palavra “Mãe”, nos enche de esperança de que este mundo de mensalinhos, mensalões, quizenalzinho, de rebeliões, de tiroteios, de polícia matando, de governante corrupto, de guerras, conflitos e desrespeito, ainda pode ser um mundo melhor, onde as pessoas se reconstruam enquanto crianças sinceras e humanas, onde todos viverão não de forma igualitária, pois somos indivíduos, mas pelo menos de forma respeitadora das diferenças.

Dá-nos a esperança de que no país do carnaval, das mulatas faceiras, da folia de reis, do futebol, de uma poesia reflexiva, de gente humilde, de mulherões, de uma Copacabana cheia de graça, da mulher de Ipanema, do povo que sorri e se alegra mesmo que sobre-vivendo, seja realmente o Brasil de todos, pela gente brasileira.

2 - PAPEL DA ESCOLA

“A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz de uma organização familiar que está inscrita em uma sociedade, com uma determinada cultura em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca”. (LADEIA, 2001, p.19-21).

Sabemos que as pessoas não nascem prontas; é o meio em que vivem que educa moralmente seus membros. A família, os meios de comunicação e o convívio com outras pessoas têm influência marcante no comportamento da criança. E, naturalmente, a escola também tem. A escola participa da formação moral de seus alunos. Valores e regras são transmitidos pelos professores, pela organização institucional, pelas formas de avaliação, pelos comportamentos dos próprios alunos, e assim por diante. Isso significa que essas questões devem ser objeto de reflexão da escola como um todo, ao invés de cada professor tomar isoladamente suas decisões.

De acordo com os PCN (1997, p.156) o entendimento do mundo é formado, fundamentalmente, a partir do cotidiano. O conhecimento das pessoas de maneira geral é rico em experiências vividas. Seus valores e crenças influenciam o comportamento no âmbito da família, da escola e do trabalho.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais enfatizam o ensino e a aprendizagem de conteúdos que colaboram para a formação do cidadão buscando que o aluno adquira um conhecimento com o qual saiba situar na sua própria vida as

relações existentes entre os seres humanos (MEC. 1997), isso só será possível a partir da influência que a criança obtém no início de sua vida.

Segundo CORTELLA (2001, p.57) o ambiente escolar proporciona uma experiência sociocultural e moral insubstituível, não apenas por ser um espaço de convivência, de formação e informação, mas também porque lá há lugar para os sonhos, tristeza, compartilhamento, desejos, enfim.

O convívio escolar refere-se a todas as relações e situações vividas na escola, dentro e fora da sala de aula. A busca de coerência entre o que se pretende ensinar aos alunos e o que se faz na escola é também fundamental.

Um dos pontos chaves da influência moral enquanto tema pedagógico é o envolvimento que proporciona entrelaçamento da escola, comunidade e sociedade, o que faz com que amplie questões do dia-a-dia com relação às diferenças existentes entre seres humanos. Dessa forma a influência sociocultural e moral oferecem oportunidades aos alunos de conhecerem suas origens, sua história como indivíduo participante de grupos culturais, propiciando a compreensão de seu valor e a elevação de sua auto-estima enquanto ser humano digno e que merece respeito.

Através da escola a criança tem a oportunidade de adquirir conhecimentos e vivências que ajudam a conscientizar os alunos quanto às injustiças e manifestações de preconceito e discriminação. Ela como pertencente ao sistema social, tem juntamente com outros componentes desse mesmo sistema, a tarefa de construir essa hegemonia cultural e moral que nos é imposta desde que o Brasil fora “descoberto”, dando oportunidade às demais de serem conhecidas e reconhecidas, também como construtoras da identidade cultural e moral do nosso país.

Cabe a escola contribuir para que as pessoas e as instituições mudem a sua visão de mundo, onde os diferentes se reconhecem e se respeitam, onde as diferenças não são geradoras de desigualdades sociais, mas sim de respeito à individualidade do seu próximo.

É imprescindível que os educadores levem em conta, o tipo de cultura que o seu aluno recebe desde a sua origem, de sua condição cultural e moral e a

motivação que o mesmo tem para inserir-se no meio educacional-pedagógico-social proposto.

Devemos ter em mente que precisamos não de um adulto consciente no futuro e sim uma criança consciente hoje para que tenhamos esperança de um futuro melhor para todos.

Contribuir para a mudança de rumo da sociedade brasileira, para que ela seja mais justa e igualitária, é de fundamental importância, mas para isso precisamos de coragem, de falar em voz alta o que se procura ignorar.

2.1 A IMPORTANCIA DOS VALORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Especificamente falando da criança, que está em fase de desenvolvimento e por isso tem facilidade maior em assimilar e apreender a influência do meio, o interesse em conhecer melhor esse ser humano é inevitável, pois os educadores que são responsáveis, participantes e protagonistas do universo cultural e moral da criança podem ajudá-la a reconstruir a influência cultural e moral monopolizadora que teve e a se auto-conscientizarem do valor de seus atos perante outros indivíduos.

É comum ouvirmos de educadores que não é fácil educarem uma criança nos dias de hoje, pois os pais não sabem como agir com os filhos de forma a proporcionar-lhe uma formação baseada na moral e nos princípios humanos. Os seres humanos são educados através de exemplos, dos tipos de culturas que lhes são apresentadas.

É evidente que as crianças tendem a repetir as atitudes que vivenciam isso é transmissão de cultura e valores.

"As histórias de aprendizagem dos pais interferem na formação das modalidades dos filhos, já que estes são os primeiros ensinantes oferecendo possibilidades da criança vivenciar suas primeiras experiências com o mundo. Cabe ressaltar que os pais trazem as modalidades que sofreram também a interferência de seus ensinantes. A modalidade de aprendizagem dos pais intervém na forma como o sujeito se vê quando aprende, já que os pais ocupam o lugar do espelho onde a criança se vê". (LIMA, ROSMANINHO, 2002, p.7)

É interessante que sempre agimos semelhantemente como nossos pais e educadores agiam conosco, e que muitas vezes eram criticados por nós. Isso

prova que a influência cultural da relação humana é a base do cidadão que teremos no amanhã. Uma criança sem uma referência cultural baseada no respeito mútuo é dificilmente capaz de agir, progredir e relacionar-se como pessoa de bem.

2.2 - A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO MORAL E A ÉTICA NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO

A importância da educação para o desenvolvimento de toda uma sociedade, tanto no que diz respeito a questões políticas, sociais e culturais, quanto nas questões humanas, de desenvolvimento pessoal. Fazemos parte do círculo evolutivo de uma nação, de um país, de uma cidade, enfim somos protagonistas da evolução de cada ser humano, pois nascemos em convivência e vivemos relacionando-nos com o outro em todo curso de nossa vida. Infelizmente, estamos vivendo uma época de contradições humanas, individualismos e de grande desprendimento de bens comportamentais e morais, como o respeito e a valorização do outro e o amor à família.

Entretanto, Rogers chama atenção:

"...O que a tendência atualizante procura atingir é aquilo que o sujeito percebe como valorizador ou enriquecedor – não necessariamente o que é objetiva ou intrinsecamente enriquecedor." (ROGERS, 1977, p.41)

O egocentrismo humano faz com que todo e qualquer direito moral do “outro” não sejam iguais ou superiores ao do “eu”. Constitui-se um jogo de interesses relacionados ao ego, no que diz respeito a eu posso, ele não, gerando um conflito entre o limite de quem pode ou não alguma coisa. A capacidade de aceitar, de ouvir, de prestar atenção no que é diferente e de respeitá-lo, são comportamentos que devem ser desenvolvidos e incitados nos alunos, principalmente de ensino fundamental, onde o professor tem como matéria-prima uma criança desprendida de qualquer sentimento negativo e deturpada.

Cada criança traz consigo influência sociocultural do meio em que vive cada uma traz uma história de vida, situações diferentes, desejos diferentes e anseios diferentes, provocando assim, ao chegar à escola um cruzamento destes sentimentos e dessas histórias, de onde brotam as relações de respeito e compreensão para com as histórias do outro. Para que isso ocorra o professor pode

proporcionar um momento mágico na sala de aula onde cada um irá contar o que faz, como vive, se mora com os pais, trabalhando assim diversos assuntos referentes a cada história contada.

A cada dia que passa se faz necessário que o professor compreenda o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, de como ele vai construindo o seu conhecimento, interagindo com seu próprio ambiente e desenvolvendo aptidões. É claro que o professor deve preparar seu aluno para o mercado de trabalho, que deve apresentar para ele conteúdos que desenvolvam seu crescimento intelectual, todavia é imprescindível que o eduque para ser humano. Segundo Roger:

"...O que a tendência atualizante procura atingir é aquilo que o sujeito percebe como valorizador ou enriquecedor – não necessariamente o que é objetiva ou intrinsecamente enriquecedor." (ROGERS, 1977, p.41)

O aluno tem que ser capaz de mudar, de refletir, de reavaliar-se e acima de tudo ter a coragem de recomeçar. Segundo Rogers: *"São os sentimentos e as atitudes que promovem a ajuda, quando expressos, e não as opiniões ou os julgamentos sobre outra pessoa". (ROGERS, 1977, p 68)*

3 - A RELAÇÃO PROFESSOR / ALUNO

Se o professor estiver realmente postura mais adequada para com seus alunos. Estarão às escolas de hoje preparadas para a formação moral e ética de nossos alunos? Será que as escolas dão à devida atenção para desenvolver nas crianças as potencialidades interiores que possuem latentes em seu interior? Parece-me que estão mais preocupadas com a preparação de profissionais habilitados para o mercado de trabalho cada vez mais competitivo e incerto. É necessária uma consciência maior dos professores e escolas, no sentido de estarem preparando o novo homem do milênio que inicia. Este homem deverá estar desatrelado de saberes dependentes de par. Cada vez mais capaz de realizar seus sonhos, ser mais feliz e em harmonia com os demais seres com os quais convive.

Todo ser humano, independente de possíveis imperfeições físicas, emocionais e mentais, possui dentro de si uma energia, capaz de mobilizar forças inimagináveis que o auxiliam a superar os obstáculos na vida. Descobrir e desenvolver esta força não são tarefas fáceis no adulto. Para a criança, na fase dos 3 a 6 anos, quando esta se iniciando a formação do caráter, fica muito mais fácil mostrar que este poder existe e que ela pode fazer uso dele sempre que for necessário.

É a facilidade de acesso a este poder que determinados seres humanos têm e que outros não tiveram a chance de desenvolver que nos faz diferentes. Estamos acostumados a receber saberes dependentes de par, pois

nossos pais e professores nos ensinaram as leis que regem o mundo segundo sua ótica esquecendo-se de que cada ser humano pode ter uma visão diferente sobre os mesmos assuntos. Todos os sistemas sociais, políticos e econômicos estão fundamentados em experiências de alguém. Ter a capacidade de observar, saber ouvir, analisar cada acontecimento sob sua própria ótica e chegar a conclusões que outros ainda não tiveram são poucos os que estão preparados. Ainda que assim estejam preparados, precisa saber falar, diversificar as formas de expressão, argumentar sem competir e desafiar a si mesmos, buscando fazer cada vez melhor, ao invés de competir com os outros. Que escolas estão conscientes deste papel para o ser humano?

O processo de ensino está fundamentado numa tradição que valoriza os potenciais do ser humano e busca capacitá-lo a desenvolver estas potencialidades. O método busca dar ao ser humano o poder da investigação pessoal, livre de dogmas e preconceitos que lhe permita descobrir as leis naturais da vida e com elas se harmonizar, obtendo uma vida mais plena.

3 1 - INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE E SOCIALIZAÇÃO NA ESCOLA

Em sala de aula, por exemplo, é preferível fazer com que eles se ajudem mutuamente a ter sucesso nas suas aprendizagens.

Fora da sala de aula, é também possível fazer muitas coisas que reforcem a solidariedade, sentimento que todo o educando tem na sua bagagem afetiva.

Ao se enfatizar a dignidade do ser humano, realça-se a necessidade de se fazer justiça, de direitos, fala-se de igualdade e, portanto, de dignidade. Ao se incentivar o respeito mútuo, incentiva-se o diálogo e assim por diante. Não é diferente para a solidariedade: o ideal de dignidade do ser humano a move, o respeito mútuo a reforça, o senso de justiça lhe dá rumos, o diálogo a enriquece.

No que diz respeito ao convívio escolar, as orientações didáticas gerais também são as mesmas para a solidariedade e para os demais valores: a prática e a reflexão são essenciais. Portanto, em se tratando de solidariedade, devem-se levar

os alunos a praticá-la e a pensar sobre ela em conjunto com outros valores. Oportunidades não faltam, na escola e fora dela.

Em sala de aula, por exemplo, ao invés de incentivar a competição entre os alunos ou a sistemática comparação entre seus diversos desempenhos, é preferível fazer com que eles se ajudem mutuamente a ter sucesso em suas aprendizagens aquele que já sabe pode explicar àquele que ainda não sabe, aquele que não sabe deve poder sentir-se à vontade para pedir ajuda, para perguntar, sem temer a vergonha de ser sistematicamente comparado com os outros e colocado em posição de inferioridade. O aluno que apresenta dificuldades não deve ser zombado ou humilhado; antes, deve ser incentivado por todos.

Fora da sala de aula, é também possível fazer muitas coisas que reforcem a solidariedade, sentimento que toda criança, ainda pequena, tem na sua bagagem afetiva. Cada comunidade deve escolher quais as ações que os alunos de sua escola podem realizar para participar de forma solidária dos problemas existentes. Mas a solidariedade não deve ser apenas apresentada e incentivada como valor desejável, devem-se também instrumentalizar os alunos para que possam, de fato, traduzi-la em ações. Portanto, é imperativo que a escola instrumentalize seu aluno.

A força da solidariedade dispensa que se demonstre sua relevância para as relações interpessoais, trata-se de agir, não em função de determinado texto, de determinada lei, mas acima de qualquer coisa. A palavra solidariedade pode ser enganosa, pois pode ser usada em diferentes sentidos, por exemplo, uma quadrilha de ladrões e um grupo de profissionais podem ser solidários entre si, mas isto não significa que esta seja a solidariedade que se espera. Nestes casos, a solidariedade só ocorre em benefício próprio. Portanto, ajuda-se o outro para salvar-se a si próprio.

Para que a solidariedade seja conscientizada, é necessário que o ensino contemple tanto a valorização de atitudes como o aprendizado de forma concreta de atuação. Para que a criança aprenda a repudiar atitudes violentas é preciso que saiba identificá-las. O papel da escola é o de desvelar essa situação por meio de discussões que explicitem os diferentes tipos de violência, (física, moral, simbólica) que crianças jovens e adultas podem sofrer, auxiliando o aluno a reconhecer atitudes violentas, prevenir-se contra elas. Tanto ser capaz de identificar

atitudes de violência e ao mesmo tempo a valorização de atitudes de solidariedade identificados na escola e fora dela.

Para que haja entendimento entre os seres humanos é necessário à prática do diálogo. A comunicação entre os seres humanos pode ser praticada em várias dimensões, que vão desde a cultura como um todo, até a conversa entre duas pessoas. Ela pode ser fonte de riquezas e alegrias.

O diálogo é expressão fundamental da relação entre os seres humanos, doação mútua da palavra, sinal distinto da humanidade. Ser humano é ser com os outros. O dado primordial da presença humana no mundo é o de se encontrar em companhia, endereçar a palavra uns aos outros, na busca daquilo que constitui o encontro.

O encontro se dá entre indivíduos que se reconhecem. E reconhecer quer dizer também respeitar, saudar no outro semelhante, que afirma sua liberdade e resiste a ser tratado como objeto ou ser negado.

Muitas vezes as pessoas afirmam que estão dialogando com alguém, quando, na verdade, o que fazem é passar-lhes ordens, impor-lhe visões de mundo, fechar os ouvidos à sua palavra. O diálogo é uma arte a ser ensinada e cultivada, e a escola é o lugar privilegiado para que isso ocorra.

Não há dúvida de que um dos objetivos fundamentais da educação é fazer com que o aluno consiga participar do universo da comunicação humana, aprendendo por meio da escuta, da leitura, do olhar, as diversas mensagens – artísticas, científicas, políticas e outras, - emitidas de diversas fontes, fazer com que seja capaz de por meio da fala, da escrita, da imagem, emitir suas próprias mensagens. Se a escola pretende exercer ação transformadora, deve desenvolver o processo de ensino e aprendizagem.

3 . 2 - CRISES DE VALORES

Hoje, vivemos uma “crise de valores”, crise esta entendida muita mais como uma indefinição de valores do que propriamente ausência de valores. Quando falamos em crise de valores queremos apontar para o fato de que a sociedade se transforma rapidamente e com ela mudam os valores. Essa transformação, muitas

vezes, não se processa de forma completa e as pessoas não conseguem distinguir quais os valores positivos correntes que devem ser assimilados e incorporados. Isto faz com que se declare uma “crise de valores” diante da dificuldade de optar ou mesmo porque estes valores são se apresentam tão claros. Isto faz parte de uma sociedade de rápidas transformações e onde coabitam as mais diversas forças e os mais diversos jogos de interesses, não havendo intenção de tornar transparentes muitos valores que viriam auxiliar as pessoas nas suas opções políticas e pedagógicas diárias. É preciso deixar claro, que estamos constantemente fazendo opções de valores, seja de forma consciente ou inconsciente.

Muitos valores, embora enaltecidos verbalmente, como os valores espirituais e morais, passam a ter pouca influência no comportamento prático de uma sociedade que opta por outros valores, especificamente seus, como o lucro, o individualismo, o materialismo.

“Grande parte de nossa história é marcada pela imoralidade. Nossa cultura se caracteriza pela lei Gérson. Nossas normas são patriarcais, masculinas, instrumentos de dominação, e fundadas na discriminação social, racial e sexual”. (Colombo: 1993, p. 45-6).

O homem, a educação, o mundo passam a ser visto a partir da escala de valores deste sistema que, conseqüentemente, vai defender e lutar pela implantação e conservação destes valores na sociedade. A lei de mercado e a competitividade são valores essenciais sem os quais este sistema não subsistiria. Faz parte da lógica de sua sobrevivência a necessidade de continuidade e da existência destes valores na sociedade. Para que isto continue a acontecer e ganhe sempre novos adeptos, são usados muitos mecanismos, muitos meios entre os quais estão os mais conhecidos nossos que são os meios de comunicação de massa e a escola. Estes são instrumentos importantes para a manutenção daqueles princípios ideológicos que se deseja que estejam presentes na sociedade.

Estes valores, muitas vezes, são valores impostos por uma minoria a uma maioria, valores de uma cultura hegemônica que não consulta a grande maioria, mas que simplesmente a manipula, impondo-lhe seus valores como se fossem os melhores que a sociedade poderia querer para si.

O que precisa ser questionado é de onde vêm estes valores e a quem servem? A quem interessa que eles sejam incorporados ao convívio social?

Em uma sociedade como a nossa em que não faz escolhas, mas que as escolhas são feitas e mostradas como positivas e portadoras de princípios “democráticos” pela pressão do meio social onde vivemos e pelos seus mecanismos ideológicos, é cada vez mais difícil sentir-se sujeito da história, sentir-se cidadão. Torna-se cada vez mais difícil ser autêntico, exigir justiça social, efetivar os direitos da maioria, enfim, dar condições para que se garanta a existência humana digna.

As pessoas não pensam sem referências, elas o fazem a partir de um determinado contexto histórico-social e ideológico. É preciso, portanto, construir coletivamente este referencial comum que torna possível a construção da ética pela educação. A escola, neste sentido, será cada vez mais chamada a contribuir na formação integral do indivíduo, a auxiliá-lo a compreender o mundo no qual está inserido, refletir sobre ele, fazer opções de valores e agir de modo comprometido. Esta educação será ética, porque nos tirará da imobilidade, das atitudes solipsistas e nos fará tratar o homem com dignidade, como sujeito.

CONCLUSÃO

Sabe-se que o Ser humano é o único animal capaz de construir e transformar uma civilização adequando-se e progredindo com ela. Vive-se a era do descomprometimento com a vida do ser humano, é possível verificar isto todos os dias, sejam no abuso de poder ou na lógica de quem pode mais.

De acordo com Içami Tiba (1996, p.111),

“para viver em sociedade, o ser humano não necessita apenas de inteligência. Precisa viver segundo a ética, participando ativamente das regras de convivência e encarando o egoísmo, por exemplo, como uma deficiência funcional social”.

Os educadores, enquanto mediadores da aquisição de conhecimento devem resgatar através da reformulação da cultura e da moral pré-existente, o lado “humano” do aluno, respeitando o mesmo, sem rotulá-lo, buscando informações sobre o “eu” desse sujeito, tentando entendê-lo a partir do seu cotidiano.

Confirmamos a importância da influência cultural e moral na vida da criança com as palavras de Paulo Freire (1996, p.27), dizendo que:

“Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Essa educação transformadora que Paulo Freire menciona, com certeza, não é restrita a uma sala de aula, mas sim numa educação de valor moral que é transmitida a esses indivíduos, de forma humana e social a fim de cultivarem-

se grandes homens num futuro nem tão distante. Paulo Freire ainda complementa dizendo que “me movo como educador, porque primeiro me movo como gente”.

É preciso enfim que os educadores incorporem estas palavras de Paulo Freire para que possam educar culturalmente seus alunos a fim de que possibilitem a reconstrução dessa sociedade capitalista e monopolizadora, para uma sociedade mais justa e igualitária respeitando a individualidade de cada ser protagonista deste meio social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1995.

BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. In: PILLETTI, N. *Estrutura e funcionamento do ensino fundamental*. São Paulo: Ática. 1998.

COLOMBO, Arrigo (org.). *Utopia e distopia*. Bari: Edizioni Dedalo, 1993.

CORTELLA, M.S. *A falta que ela nos faz*: direito à escola deve movimentar todos os que tenham um pouco de decência política. Em pauta - Revista Educação, São Paulo, n.239, p.57, 2001.

CURY, Augusto. *Seja líder de si mesmo* – o maior desafio do ser humano. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Professora sim, tia não* - cartas a quem ousa ensinar. 23. ed. São Paulo: Olho d'água, 1993.

LADEIA, Delia. *O eu criança na educação infantil*. Em pauta – Revista Criança do professor de educação infantil, Brasília, n.35, p.19-21, 2001.

LIMA, D.C. de S.; ROSMANINHO, M.S.R. *Inversão de valores no contexto escolar o aluno dá a palavra final*. Itaperuna: Gente 2002.39 p.

LOPES, V.N. *Afro-descendência: pluralidade cultural precisa e deve abordar a questão do negro brasileiro*. Em pauta – Revista do Professor, Rio Grande do Sul, n.67, p.21-25, 2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. *Artes visuais na Educação*. Brasília, 1997. Disponível em: <http://www.mec.gov.br / PCN em Ação>. Acesso em 20, jun. 2002

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. *Pluralidade Cultural/ Orientação Sexual*. Brasília: MEC / SEF, 1997.

PINTO, M.A.L. *Meu filho vai ser*. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=27>> Acesso em 20 set. 2003

ROGERS, C. R. *Tornar-se pessoa*. Lisboa: Martins Fontes Editora Ltda, 1961.

_____, ROSENBERG, R. *A pessoa como centro*. São Paulo. E.P.U, 1977.

_____, KINGET, G. *Psicoterapia e relações humanas*. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

TIBA, Içami. *Disciplina, limite na medida certa*. 42. ed. São Paulo: Gente, 1996.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. *Ética*. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.